



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v6i1i.3788>

## **A LUTA PELA BÍBLIA EM VERNÁCULO NA IDADE MÉDIA: O CASO DA BÍBLIA NEERLANDESA MEDIEVAL<sup>1</sup>**

*The Struggle for the Bible in Vernacular during the Middle Ages:  
the Case of the Medieval Dutch Bible*

**Michel Mario Kors<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente artigo pretende tratar das traduções da Bíblia medieval em vernáculo, com ênfase na primeira tradução em neerlandês. Tratamos inicialmente das traduções da Bíblia para a língua vernácula até o século XI, período no qual os projetos de tradução tinham patrocínio de imperadores e papas. A situação mudou bastante depois da Reforma Gregoriana, nos séculos XI-XII, quando a produção dos manuscritos foi racionalizada e a formação espiritual dos leigos ganhou mais importância. Somente a partir do século XIII, as traduções da Bíblia foram feitas para alcançar um público mais amplo. Esse é também o caso da primeira versão neerlandesa em prosa, do ano 1361. Ela foi comissionada por um cidadão de Bruxelas, Bélgica, e o tradutor foi um monge cartuxo, nomeado Petrus Naghel (†1395). Analisamos o perfil do tradutor e mostramos como a tradução foi contestada, por vários motivos, durante a segunda metade do século XIV.

**Palavras-chave:** Bíblia medieval. Tradução da Bíblia. Espiritualidade medieval. Petrus Naghel.

**Abstract:** This article proposes to deal with medieval Bible translations in vernacular, with an emphasis on the first Dutch translation. We first discuss the vernacular Bible translations up to the XIth century, during which period translation projects were supported by emperors and popes. This situation changes dramatically after the Gregorian Reform (XI-XII centuries), when production of manuscripts was rationalized and the spiritual formation of lay people gained more importance. Only during the XIIIth century did translations reach out to a broader public. This is also true for the first Dutch Bible in prose, dating from 1361. It was commissioned by a citizen from Brussels, Belgium, and translated by a Carthusian monk, called Peterus Naghel (†1395). We analyze the translator's profile, and show how his translation was contested for various reasons in the second half of the XIVth century.

**Keywords:** Medieval Bible. Bible translation. Medieval spirituality. Petrus Naghel.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 03 de agosto de 2019 e aprovado em 22 de setembro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

A pesquisa para este artigo foi possibilitada por uma bolsa do PNPd-Teologia da CAPES.

<sup>2</sup> Doutor. Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia (Belo Horizonte, MG). E-mail: [mikelkors@hotmail.com](mailto:mikelkors@hotmail.com)

## Introdução

Desde os antigos tempos romanos a Bíblia foi traduzida para muitos idiomas vernáculos, por exemplo, o gótico, o grego e o copta. Na Idade Média, até o ano 1300, as traduções foram patrocinadas por reis e mosteiros. Nos séculos XIV e XV, isso mudou, quando a Bíblia foi lida em língua vernácula por uma audiência de leigos. Foi nessa época que a tradução das Sagradas Escrituras virou um projeto contestado, especificamente pelo clero conservador.

Um exemplo de “tradução contestada” é a Bíblia em neerlandês médio feita pelo monge cartuxo Petrus Naghel (†1395). Ele foi um dos tradutores mais prolíficos da Idade Média e fez traduções de obras clássicas cristãs. A tradução da Bíblia para o neerlandês foi encomendada por um leigo, um cidadão de Bruxelas, a atual capital da Bélgica, chamado Jan Taye. Vamos analisar como essa tradução era contestada. Mas antes disso cabe uma exposição sumária sobre a geografia e a cronologia da Idade Média, bem como sobre a tradução da Bíblia antes do ano de 1300.

## Quando aconteceu a Idade Média<sup>3</sup>

Poder-se-ia facilmente falar durante um ou dois semestres sobre a questão da periodização na ciência histórica.<sup>4</sup> Aqui pretendemos discorrer sobre a Bíblia na Idade Média, mais especificamente sobre a Bíblia em vernáculo, e em particular sobre a tradução da Bíblia para o neerlandês medieval<sup>5</sup> – mas o que é, afinal de contas, “a” Idade Média? Até o termo em si mesmo é arbitrário, ele parece determinar um período “entre [dois outros]” – frequentemente com uma conotação negativa, como significando uma “Idade das Trevas”. O primeiro a falar de uma “idade média” foi Leonardo Bruni (Arezzo 1370-1444), no seu tratado sobre a história da cidadania florentina:

Podemos discernir na *História* de Bruni, portanto, e isto pela primeira vez na tradição ocidental, os contornos de uma estrutura conceitual, que passou a dominar a historiografia europeia desde então: a divisão tripartite da história em um período *antigo*, aquele que, segundo Bruni, terminou com a destituição do último imperador ocidental, Augústulo, por Odoacro, em 476 AD; um período *medieval*, situado entre a queda do Império Romano e a renovação da vida urbana por volta do fim do século XI e do século XII – período marcado pelas invasões germânicas e pelas pretensões, ainda fracas, à

<sup>3</sup> Todas as traduções do inglês, alemão e neerlandês médio são da minha autoria.

<sup>4</sup> Fundamental sobre o tema é POT, Johan Hendrik Jacob van der. *Sinndeutung und Periodisierung der Geschichte*. Eine systematische Übersicht der theorien und Auffassungen. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1999.

<sup>5</sup> Usamos o substantivo/adjetivo “neerlandês” em vez de “holandês”, e o substantivo “Países Baixos” em vez de “Holanda”. A “Holanda” é uma antiga província dos Países Baixos, que, desde o ano 1840, foi dividida em “Holanda do Sul” e “Holanda do Norte”. Quando falamos no presente artigo da “Holanda”, temos em vista só essa antiga província. – Os Países Baixos como nação, porém, existem a partir de 1581, e consideramos que essa definição causa menos confusão do que a palavra “Holanda”.

autoridade imperial; e um período *moderno*, começando, na segunda metade do século XIII, com o declínio do Império Romano Sagrado como força nas políticas italianas<sup>6</sup>.

É então uma tradição duradoura, iniciada por Bruni, a que faz coincidir o início da Idade Média<sup>7</sup> com a queda do Império dos Césares. Ora, se for assim, devemos pensar somente na queda da parte ocidental do Império Romano, em 476, já que a parte oriental continuou a existir, de uma forma ou de outra, por mais um milênio na capital Constantinopla (atual Istambul), até que o que sobreviveu caísse sob o domínio das tropas muçulmanas em 1453. Ou deveríamos deixar a Idade Média começar antes, quando o imperador Constantino finalmente concedeu ao cristianismo o status de religião, em 313, depois de perseguições aos cristãos ocorridas nos séculos anteriores?

E quando “terminou” a Idade Média? Quando Colombo descobriu a América Latina, em 1492, iniciando assim a chamada Era dos Descobrimentos? E por que não Marco Polo, que foi para a China e Índia antes mesmo do ano de 1300? Ou deveríamos preferir o início do século XVI, quando Lutero iniciou a Reforma? Ou a Renascença – mas qual delas? Itália, 1300, ou Países Baixos, 1550?

Dessa maneira, como seria possível situar geograficamente a Idade Média na Europa, já que não existia a Europa tal como a conhecemos hoje? Dentro dos limites do Império Romano? O Império Romano em 117, em sua maior expansão, representava quase cinco milhões de quilômetros quadrados. No entanto, não alcançava extensas regiões do atual Leste Europeu ou do Norte da Europa, ao passo que abrangia grandes extensões no Norte da África, que atualmente jamais seriam consideradas como sendo “europeias”. Em tempos romanos, a terra natal de Santo Agostinho (354-430), a região onde se localiza a atual Tunísia, fazia parte do Império. Ainda que excluíssemos a Turquia, o Oriente Médio e o Norte da África, o Império Romano representaria o total de 60% da atual União Europeia.<sup>8</sup>

Como sabemos, a Renascença reclamou o direito exclusivo de retornar à tradição latino-romana, mas praticamente todos os textos latino-romanos que chegaram até nós foram escritos em monastérios, a maior parte durante os séculos VIII-X, um período que às vezes se considera como o mais obscuro dos obscuros.<sup>9</sup> Ao longo da Idade Média, a figura do imperador romano era uma grande inspiração para a ideia de uma sociedade cristã unificada sob o comando de um representante terrestre de Deus, fosse ele um papa ou um imperador.<sup>10</sup> Então, quem é a verdadeira herdeira do legado

<sup>6</sup> Tradução do inglês: BRUNI, Leonardo. *History of the Florentine people*. Books 1-10. Edited and translated by J. Hankins. (=The I Tatti Renaissance Library 3). Cambridge (Mass.); London: Harvard University Press, 2001. v. 1, p. XVII-XVIII.

<sup>7</sup> Sobre a Idade Média como “invenção” do tempo moderno: MURRAY, Alexander. Should the Middle Ages be abolished? *Essays in Medieval Studies*, v. 21, p. 1-22, 2005.

<sup>8</sup> Questões sobre a geografia e cronologia da Idade Média ficam sempre no centro do debate histórico, veja, por exemplo, o recente HARTNELL, Jack. *Medieval Bodies*. Life, Death and Art in the Middle Ages. London: Profile Books – wellcome collection, 2019. p. 5-8.

<sup>9</sup> A obra de referência é REYNOLDS, Leighton Durham; WILSON, Nigel Guy. *Scribes and scholars*. A guide to the transmission of Greek and Latin literature. Oxford: Oxford University Press, 2013.

<sup>10</sup> FOLZ, Robert. *The concept of empire in Western Europe from the fifth to the fourteenth century*. London: Edward Arnold, 1969, trata das diversas ideias sobre o conceito do “império”. O primeiro imperador cristão

romano? A Renascença ou a Idade Média? Difícil decidir, ou ainda: talvez seja mesmo absurdo tentar decidir.

Melhor seria não estabelecer limites e fronteiras muito rígidas, já que é mais interessante ver a história da Europa como uma interminável série de mudanças e transições, transformando-se apenas lentamente do Império Romano para a sociedade moderna como nós a conhecemos hoje, e que definitivamente começou com a era da industrialização. “O novo é o velho transformado”, como o historiador neerlandês Johan Huizinga (1872-1945) já afirmava no início do século XX. Em seu último livro, Le Goff insistiu mais uma vez na importância das continuidades entre Idade Média e Renascença.<sup>11</sup>

Agora podemos arriscar uma brevíssima visão panorâmica da Bíblia do século IV ao século XI.<sup>12</sup> O nosso foco estará, na medida do possível, na Bíblia vernacular.

## A Bíblia vernacular: do século IV ao XI

Os textos sagrados dos judeus e do cristianismo primitivo foram escritos em língua vernácula. Nos séculos II e III muitas traduções foram feitas para o latim, grego e copta (atualmente egípcio). Seu uso estava quase sempre voltado ao ensino da Bíblia durante o ofício religioso, para que todos pudessem compreender o texto.

Já bastante cedo, no ano de 369, se fez uma tradução para o gótico, uma língua germânica(!). A única cópia existente é um manuscrito em velino púrpura, com letras douradas e prateadas, feita no início do século VI, e chamada *Codex Argenteus*.<sup>13</sup>

Só a produção do corante púrpura já era um investimento enorme. A tinta era feita de uma glândula encontrada apenas em uma variedade específica de pequenos caracóis marinhos. Para conseguir quatro gramas de corante puro eram necessários 30 mil desses caracóis. Isso tornava o processo tão caro que a púrpura só era usada para pintar a roupa de gala do imperador romano. Roupas tratadas dessa forma eram muito mais caras do que ouro.<sup>14</sup> A Bíblia foi provavelmente escrita na cidade de Ravenna, antiga capital do Império Romano do Ocidente, para o rei Teodorico, que àquela altura comandava um grande império cristão. Apesar de não ser romano, mas germânico, ele certamente sentia-se um descendente do imperador romano. Uma Bíblia para um rei: veremos esse padrão se repetir muitas vezes.

Jerônimo traduziu toda a Bíblia por volta do ano de 400, portanto *depois* da tradução gótica, e sua versão tornou-se o texto padrão autorizado, por isso chamado de

---

pós-romano foi Carlos Magno (veja LATOWSKY, Anne Austin. *Emperor of the world. Charlemagne and the construction of imperial authority, 800-1229*. Ithaca-London: Cornell University Press, 2013).

<sup>11</sup> LE GOFF, Jacques. *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Éditions du Seuil, 2014.

<sup>12</sup> A obra de referência sobre a história da Bíblia é *The New Cambridge History of the Bible*, em 4 volumes, publicados entre 2012 e 2016.

<sup>13</sup> KLEBERG, Tönnes. *The Silver Bible at Uppsala*. Uppsala: Uppsala University Library, 1984.

<sup>14</sup> Sobre o uso do corante púrpura veja VARICHON, Anne. *Couleurs. Pigments et teintures dans les mains des peuples*. Paris: Éditions du Seuil, 2007. p. 135-138.

*Vulgata*.<sup>15</sup> Esteve em uso na Igreja Católica até uma boa parte do século XX. Na verdade, uma nova tradução completa para o latim, a *Nova Vulgata*, só foi publicada em 1979.

Ao considerarmos a tradução para o latim feita por Jerônimo, devemos ter em mente que grande parte do que nós atualmente chamamos de Europa era, naquele tempo, por volta do ano de 400, ainda largamente pagã.<sup>16</sup> É necessário esperar até o ano 1000 para ver a maior parte da Europa cristianizada. Frequentemente, não havia livre escolha: a opção era entre ser batizado ou morto;<sup>17</sup> caso o seu rei decidisse tornar-se cristão, os súditos se tornariam automaticamente parte do rebanho.

À medida que a influência do Império Romano se tornava cada vez mais frágil, acrescido o fato das muitas migrações em massa dos povos germânicos, o conhecimento da cultura latina, se é que estivesse disponível, perdeu-se, especialmente nos séculos VII e VIII. Trata-se aqui, novamente, de uma generalização, mas que, entretanto, é válida para grande parte da Europa. Como se pode compreender facilmente, a *Vulgata* tornou-se, cada vez mais, um texto completamente enigmático e dificilmente poderia ser considerada uma Bíblia vernacular como costumava ser durante os séculos V e VI. A laicidade perdeu sua conexão com os fundamentos escritos de sua fé.

Há que se estar atento para o fato de que até o ano 1000 a maioria das sociedades medievais era completamente rural.<sup>18</sup> As antigas cidades romanas foram destruídas ou abandonadas. Os manuscritos eram muito escassos e caros demais para se produzir. Somente as grandes abadias tinham qualificações técnicas, recursos humanos e dinheiro para produzir manuscritos, os quais, naquele momento eram direcionados para utilização interna ou para serem presenteados a reis e papas.<sup>19</sup> Esses manuscritos podiam ser ricamente ilustrados e considerados como importantíssimas obras de arte. A propósito, eles estão entre os objetos mais concretos que sobreviveram do período de 500-1000.

O *Livro de Kells* (assim nomeado graças ao monastério onde ele esteve por séculos) foi produzido por volta do ano 800 no território atual da Inglaterra ou da Irlanda.<sup>20</sup> Esse livro contém os textos em latim dos quatro evangelhos. Isso acontecia com frequência, pois somente evangelhos ou salmos eram copiados, já que eram os textos mais utilizados na liturgia. O manuscrito contém o início do Evangelho de São Lucas. Claramente, esses não eram livros direcionados à população comum, aos leigos. Eles eram o tipo de “livro de exposição” *avant la lettre*: não eram destinados à leitura, mas

---

<sup>15</sup> WILLIAMS, Megan Hale. *The monk and the book: Jerome and the making of Christian scholarship*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

<sup>16</sup> McMULLEN, Ramsey. *Christianizing the Roman Empire (A.D. 100-400)*. New Haven-London: Yale University Press, 1984; BROWN, Peter. *The rise of Western Christendom. Triumph and diversity, A.D. 200-1000*. Tenth anniversary revised edition. 10. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

<sup>17</sup> Veja McMULLEN, 1984, p. 86-101: “Conversion by coercion”.

<sup>18</sup> SWEENEY, Del (ed.). *Agriculture in the Middle Ages*. Technology, practice, and representation. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

<sup>19</sup> Veja sobre a tradição manuscrita carolíngia: BISSCHOFF, Bernhard. *Mittelalterliche Studien*. Ausgewählte Aufsätze zur Schriftkunde und Literaturgeschichte. Stuttgart: Anton Hiersemann, 1981. Band 3, p. 5-38, 149-70, 171-86.

<sup>20</sup> PULLIAM, Heather. *Word and image in the Book of Kells*. Dublin: Four Courts Press, 2006 oferece uma introdução.

sim para mostrar a riqueza e o poder de seus proprietários, normalmente um rei, um imperador, um papa ou uma abadia poderosa. É também certo que esses manuscritos sobreviveram exatamente por serem tão caros e maravilhosamente produzidos. Os livros mais simples, na maioria das vezes, não sobreviveram, ou chegaram até nós apenas em alguns fragmentos.

Agora, após esse sucinto quadro geral, voltaremos nossa atenção para a Bíblia vernacular do século XII ao século XIV.

## A Bíblia em língua vernácula desde o século XII até o XIV

Um ponto muito importante que devemos considerar é que, apesar de as missas serem celebradas somente em latim, as pregações e os sermões não eram. Tal como hoje, as pregações partiam do texto bíblico, que precisava ser traduzido para o público a fim de que fosse compreendido. Além disso, acredita-se que partes do texto bíblico, perícopes, fossem lidas em voz alta, em vernáculo – como acontecia na liturgia católica até o Concílio Vaticano II. Até o século XI, entretanto, a cultura letrada e a educação entre os padres de paróquia tendiam a ser muito limitadas e a qualidade de suas pregações provavelmente não alcançaria as expectativas do público, podendo-se dizer o mesmo de suas habilidades em traduzir o latim vernacular para seu rebanho.

Durante o período entre 1050-1125, uma grande reforma ocorreu dentro da Igreja Católica: a assim chamada Reforma Gregoriana.<sup>21</sup> A igreja havia perdido muito de suas prerrogativas em relação ao seu poder temporal e espiritual, e foi forçada a se sujeitar às reivindicações do imperador alemão. O ano de 1054 também foi palco da divisão definitiva entre igreja oriental e ocidental, o chamado Grande Cisma. A Igreja Católica, portanto, concentrou suas atenções em suas atividades principais. E tinha toda razão para proceder assim, já que estava em decadência há alguns séculos. Um dos principais objetivos era melhorar a educação dos padres e certificar-se de que eles viviam no celibato (que vinha sendo ignorado em larga escala).<sup>22</sup> Somente então a educação religiosa dos leigos também se tornou um assunto importante. Em questões religiosas, a igreja queria manter um controle mais rígido sobre os leigos. Essa mudança de pensamento é que eventualmente levará à ascensão da Bíblia vernacular. Ou, como ainda veremos: ao *retorno* da Bíblia vernacular? Pois vimos que até o século VI tinham sido feitas muitas traduções para a língua vernácula, sem que o direito de fazer essas traduções fosse seriamente questionado.

O século XII presenciou um aumento explosivo de cidades, a construção de admiráveis catedrais góticas, o crescimento da riqueza e a fundação de universidades. Havia também inovações na produção de livros. E assim tinha de ser, já que os estudantes universitários precisavam de livros a preços mais baixos. Uma reforma da escrita e a cópia de livros em formatos menores e em textos de duas colunas fez com que os preços diminuíssem consideravelmente. Surgiu, assim, um tipo de Bíblia

---

<sup>21</sup> COWDREY, Herbert Edward John. *Popes and church reform in the 11th century*. Aldershot: Ashgate, 2000.

<sup>22</sup> COWDRY, 2000, p. 269-302: “Pope Gregory VII and the chastity of the clergy”.

de bolso. As Bíblias de bolso eram manuscritos simples, em duas colunas, um pouco difíceis de ler por causa das letras muito pequenas, mas que podiam ser levados para viagens, o que era muito prático para membros das ordens com foco na pregação, como os franciscanos e dominicanos.<sup>23</sup> A escrita em duas colunas é uma invenção do século XII, que ainda hoje é o padrão para a maioria das Bíblias impressas modernas.

Certamente havia traduções parciais da Bíblia utilizadas pelos cátaros – “hereses” no sul da França – no século XII. Sabemos disso porque houve um Sínodo em Toulouse, em 1229, que proibiu sua utilização. Mas a Inquisição fez seu trabalho: haveria nada menos que três cruzadas contra esses coitados, de modo que não restou virtualmente nada dessas traduções.<sup>24</sup> Aos poucos, porém, mais traduções da Bíblia começaram a aparecer em línguas vernáculas. Até 1300, os manuscritos ainda eram caros e destinavam-se principalmente a reis e imperadores. Um bom exemplo disso é a Bíblia em francês antigo, produzida para o rei da França, São Luís, entre 1220 e 1260.<sup>25</sup> Ela continha quatro volumes, com um total de cerca de 800 folhas.

Somente por volta do século XIII as traduções da Bíblia passaram a ser feitas para alcançar um público mais amplo. Para compreender isso, devemos voltar um pouco no tempo: por volta de 1175, Petrus Comestor terminou sua *Historia scholastica*, escrita em latim, que normalmente, hoje em dia, é chamada de Bíblia historial.<sup>26</sup> Uma Bíblia historial consiste somente dos livros históricos da Bíblia, o que significa que apenas o material histórico-narrativo é incluído, como o Pentateuco, Crônicas e os evangelhos. Faltam os livros proféticos (como Jeremias e Isaías) e sapienciais (como Provérbios e Sabedoria). Os livros históricos são derivados da *Vulgata* latina, que, lembremo-nos, é o texto bíblico tal como traduzido por Jerônimo no século IV, utilizada às vezes em forma adaptada e normalmente expandida com glossários, comentários e material profano. A fonte mais importante do material profano de Comestor é a obra *Antiguidades judaicas*, do autor judeu Flávio Josefo,<sup>27</sup> escrita em grego no fim do século I. Mas Comestor também recolheu comentários extensos e explicações da longa tradição teológica cristã.

Dessa forma, pretendia-se que a *Historia scholastica* fosse um livro-texto para estudantes de teologia, e rapidamente se tornou parte do currículo universitário. Na verdade, a *História scholastica* não trazia os textos completos da *Vulgata*. Apenas os versos comentados eram citados. Os comentários são *marginalia*; e, de fato – como em nosso significado atual de “marginal” – isso certamente significava “menos impor-

---

<sup>23</sup> Veja RUZZIER, Chiara. The miniaturisation of Bible manuscripts in the 13th century. A comparative study. In: LIGHT, Laura; POLEG, Eyal (eds.). *Form and Function in the Late Medieval Bible*. Leiden; Boston: Brill, 2013. p. 105-125. (Library of the Written Word, v. 27).

<sup>24</sup> Veja THOUZELLIER, Christine. L'emploi de la Bible par les Cathares. In: LOURDAUX, Willem; VERHELST, Daniël. *The Bible and medieval culture*. Leuven: Leuven University Press, 1979. p. 141-156. (Mediaevalia Lovaniensia, I, 7).

<sup>25</sup> Veja *The New Cambridge History of the Bible*, v. 2, p. 255-257.

<sup>26</sup> DAHAN, G. *Pierre le Mangeur ou Pierre de Troyes, maître du XII<sup>e</sup> siècle*. Turnhout: Brepols, 2013. (Bibliothèque d'histoire culturelle du moyen âge, 12).

<sup>27</sup> PASTOR, Jack e al. (eds.). *Flavius Josephus. Interpretation and History*. Leiden; Boston: Brill, 2011. (Supplements to the Journal for the study of Judaism, 146).

tantes” que as partes citadas no texto principal. Esse tipo de Bíblia se tornou bastante popular durante a Idade Média. A tradição vernácula posterior adaptou a *Historia scholastica* e a expandiu muito com textos apócrifos e profanos.

## A tradução da Bíblia para neerlandês médio nos séculos XIII e XIV

E agora chegamos aos “Países Baixos”. Já em 1271 havia em neerlandês medieval uma versão muito abreviada da *História scholastica* de Petrus Comestor, em versos. O verso ainda era extremamente popular durante o século XIII, em função da tradição oral: como muitas pessoas não podiam ler ou pagar livros, menestrelis e trovadores traziam entretenimento. Além disso, o texto em verso é mais fácil de memorizar e mais conveniente para ser acompanhado pelo público. Para o tradutor da Bíblia historical neerlandesa em verso, chamado Jacob van Maerlant, isso trouxe a providencial vantagem de que ela não seria levada tão a sério pelos teólogos: na cultura latina daquele tempo, qualquer tipo de verdade somente poderia ser transmitido por meio da prosa. O mais antigo manuscrito existente data de 1272 – existem apenas dois manuscritos neerlandeses completos anteriores a 1300! –, e sua execução é muito simples. Esse manuscrito ainda foi traduzido e escrito com patrocínio do duque da Holanda, cujo pai, o duque Willem II, foi o rei do Sacro Império Romano, assassinado apenas algumas semanas antes de ser coroado imperador pelo papa. E o próprio duque, antes que pudesse seguir os passos de seu pai, também foi assassinado em 1294.

Menos de um século depois, em 1361, foi concluída uma tradução da Bíblia historical em neerlandês medieval.<sup>28</sup> Dessa vez ela não foi comissionada por um rei ou duque, mas por um cidadão, sem dúvida rico, de Bruxelas, a atual capital da Bélgica (a Bélgica ainda não existia e, como o conjunto dos Países Baixos, fazia parte do Sacro Império Romano). O nome desse mecenas é Jan Teye. Era casado e tinha três filhos, e foi membro por três vezes da poderosa câmara municipal de Bruxelas. Além do mais, sabemos quem fez a tradução.

O nome do tradutor é Petrus Naghel (traduzido literalmente: “Pedro Prego”). Petrus Naghel era prior do convento cartuxo de Herne, perto de Bruxelas, e morreu em maio de 1395, em idade avançada. A Ordem dos Cartuxos, fundada em 1084, foi e ainda é a mais contemplativa de todas as ordens religiosas. Eles não rezavam missa para pessoas de fora nem se envolviam em qualquer assistência espiritual. Comunicavam-se com o mundo exterior somente através da produção de manuscritos religiosos, como eles mesmos os chamavam: a *pregação silenciosa*. Petrus Naghel se encaixa perfeitamente nessa tradição.

A reconstrução do texto da Bíblia historical traduzida por Petrus Naghel é inviável, já que só possuímos um fragmento do século XIV. Já na tradição manuscrita do século XV, em que constam nada menos que 50 manuscritos completos, literalmente não há dois manuscritos com conteúdo idêntico. A ideia de uma Bíblia que seja com-

---

<sup>28</sup> KORS, Mikel. *De bijbel voor leken*. Studies over Petrus Naghel en de Historiebijbel van 1361. Leuven: Encyclopédie Bénédictine, 2007.

preensiva é uma herança da Reforma, algo inimaginável para a mentalidade medieval. No entanto, por meio de outras fontes é possível estabelecer como teria sido o original da Bíblia historial, já que Naghel anuncia em seus vários prólogos e epílogos o que ele vai traduzir. Resumimos aqui a análise dessas informações.<sup>29</sup>

Naghel segue amplamente a obra *História scholastica* de Petrus Comestor, por nós mencionada anteriormente. O texto de Comestor fornece comentários sobre os livros históricos da Bíblia, mas não contém todo o seu texto. A Bíblia historial neerlandesa, ao contrário, e isso é realmente notável, tem um texto contínuo, que foi traduzido diretamente a partir da *Vulgata*, e com comentários adicionais que foram extraídos da *História scholastica*.<sup>30</sup> Naghel também acrescentou comentários próprios, bem como empréstimos feitos a partir de alguns textos da tradução do neerlandês medieval. O próprio Naghel distingue duas partes em seu texto; já era claro para ele na primeira parte o que viria a seguir, na segunda. Assim surgiu uma Bíblia historial em dois volumes, que, com as inserções da literatura profana neerlandesa medieval, foram articulados aos desejos e interesses do patrono Jan Teye:

### ***A Bíblia historial neerlandesa de 1361***

*Primeira parte, concluída em 12 de junho de 1360:*

- Extenso Prólogo
- Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio)
- Josué
- Juízes
- Rute
- Reis I-IV
- Oração de Manassés
- Tobias
- Ezequiel (consideravelmente reduzido)
- Daniel (consideravelmente reduzido)
- Habacuque
- Contradições (a partir da *Historia scholastica*, IV Reis, 47)

*Segunda parte, concluída em 23 de junho de 1361:*

- Cyrus (a partir da *Historia scholastica*)
- Ester
- Judite
- Esdras-Neemias (a partir da *Historia scholastica*)
- Alexandre (um longo texto sobre os feitos de Alexandre o Grande, com base em textos profanos neerlandeses medievais!)
- Macabeus I-II

---

<sup>29</sup> KORS, 2007, p. 33-93.

<sup>30</sup> O único exemplo similar é a tradução da Bíblia para língua checa, completada quase no mesmo ano, em 1360. Veja *The New Cambridge History of the Bible*, v. 2, p. 195.

- João Hircano (a partir da *Historia scholastica, Liber Danielis*, 16g)
- Diatessaron
- Atos dos Apóstolos
- Destruição de Jerusalém (a partir da *Guerra dos Judeus*, de Flávio Josefo)

## A Bíblia em neerlandês médio: um projeto contestado

Como vimos antes, o mecenas Jan Taye, um cidadão de Bruxelas, era casado e por isso não fazia parte do clero ou qualquer coisa assim. É muito provável que tinha apenas domínio muito limitado do latim. Petrus Naghel deu uma abordagem filológica à tradução da Bíblia e ele afirma: “De forma alguma é minha intenção ir contra o sentido da Sagrada Escritura. Eu quero traduzi-la para o neerlandês da maneira mais precisa possível [...]. Comentarei em explicações marginais as palavras que não podem ser vertidas adequadamente”<sup>31</sup>.

Mas esse não era o seu único problema: o significado espiritual da Bíblia era difícil de interpretar. Assim, Naghel diz: “Sempre que uma passagem for difícil de entender, vou inserir explicações e comentários tomados da História scholastica. Marcarei isso claramente em tinta vermelha”<sup>32</sup>. A *História scholastica* era uma fonte segura, mas nem de longe a única utilizada. Naghel também inseriu textos neerlandeses medievais e diversas outras fontes. Porém Jan Taye, que encomendou essa história da Bíblia em dois volumes, queria mais. Sabemos disso porque, mais uma vez, o tradutor o diz em seu prólogo: “Meu prezado amigo Jan Taye, você me pediu para traduzir os livros históricos da Bíblia, e eu o fiz com muito prazer. Mas agora eu entendo pelas suas cartas que isso não o satisfaz mais, e que você quer que eu traduza tudo”<sup>33</sup>. Pois bem, ele o fez. Depois de 1361 Naghel traduziu:

- Isaías
- Jeremias e Ezequiel
- Livros sapienciais (Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Jesus Siraque)
- Salmos
- Jó

Estava longe de ser evidente que os leigos pudessem possuir uma tradução da Bíblia assim. Certamente era diferente para reis e imperadores, como acabamos de ver, mas a pessoa que encomendou as traduções definitivamente não pertencia a essa categoria, já que Jan Taye era apenas um morador de Bruxelas. Seguramente, o tradutor está ciente de que o projeto da sua Bíblia era controverso, quando escreve:

---

<sup>31</sup> Tradução do neerlandês medieval: EBBINGE WUBBEN, C.H. *Over Middelnederlandsche vertalingen van het Oude Testament*. Bouwstoffen voor de geschiedenis der Nederlandsche Bijbelvertaling. ‘s-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1903. p. 73.

<sup>32</sup> EBBINGE WUBBEN, 1903, p. 74.

<sup>33</sup> EBBINGE WUBBEN, 1903, p. 84.

“Eu sei e prevejo claramente que essa tradução será ofensiva e que cães raivosos vão tentar difamá-la, porque querem ridicularizar esse esforço para explicar as Escrituras Sagradas aos leigos comuns”<sup>34</sup>. Cães raivosos: na certa ele tinha em mente sacerdotes e clérigos, entre outros. Sendo ainda mais específico, Petrus Naghel escreve: “Eu sei que essa tradução da Bíblia vai tirar o clero do sério [...] Porque alguns deles ficaram completamente chocados com o fato de que os mistérios das Sagradas Escrituras seriam explicados para leigos comuns [...]”<sup>35</sup>. Num momento mais tardio de sua vida, ele escreveria ainda: “Hoje torna-se claro que muitos vão fazer escândalo a respeito dessa tradução da Bíblia, em vez de elogiar seus méritos”<sup>36</sup>.

Por que se deu uma oposição tão forte? No terceiro quarto do século XIV, havia muitos grupos heréticos ativos, que eram ferozmente perseguidos.<sup>37</sup> O imperador Carlos IV do Sacro Império Romano (e lembramos que Bruxelas fazia parte desse Império) promulgou decretos e leis em 1371 e 1373 pelos quais obrigou seus vassalos a apoiar ativamente a Inquisição. Mas o imperador Carlos IV também determinou, por meio de um decreto, a caça a cópias de livros heréticos, bem como a “livros sobre a Bíblia”. Como ele escreveu, esses livros sobre a Bíblia poderiam “facilmente confundir os leigos, que, em consequência, se tornariam vítimas de heresia”. Esse decreto não falou especificamente sobre traduções da Bíblia, mas essa Bíblia neerlandesa de Petrus Naghel, com todos os seus comentários e explicações, e sua intenção de explicar os mistérios das Sagradas Escrituras se aproximavam, sim, dessa categoria dos “livros sobre a Bíblia”. Além disso, a igreja não era muito simpática à tradução dos livros históricos da Bíblia, opinião que podemos encontrar repetidas vezes nos teólogos de fins do século XIV.<sup>38</sup>

Um desses teólogos foi o neerlandês Gerard Zerbolt van Zutphen (1367-1398; “Gerardus Zerbolt de Zutphania” em latim), que foi especialista em direito canônico. Ao fim do século XIV, Gerard escreveu um tratado, chamado *De libris teutonicilibus* (“Sobre livros em neerlandês”), no qual ele defendia que leigos lessem tratados espirituais e a Bíblia em tradução vernácula.<sup>39</sup> Esse fato em si significa duas coisas: 1. essa leitura já existia; 2. ela foi contestada pelas autoridades eclesiásticas. Essa leitura na região onde atuou Gerard está comprovada por um fragmento de um manuscrito da tradução da Bíblia por Petrus Naghel (veja infra). Porém Gerard tinha uma opinião muito restritiva sobre quais livros poderiam ser traduzidos e lidos por leigos sem perigo: apenas os evangelhos e os Atos dos Apóstolos. O Prof. Nikolaus Staubach

<sup>34</sup> EBBINGE WUBBEN, 1903, p. 84.

<sup>35</sup> BRUIN, Cebus de. *Vetus Testamentum/Het Oude Testament*. Leiden: Brill, 1977-1978. v. I, p. 3, nota 3.

<sup>36</sup> EBBINGE WUBBEN, 1903, p. 160.

<sup>37</sup> KORS, 2007, p. 144-145.

<sup>38</sup> É preciso enfatizar, porém, que a igreja nunca proibiu a tradução em si; veja DEKKERS, Eligius. L'Église devant la Bible en langue vernaculaire. In: LOURDAUX, Willem; VERHELST, Daniël. *The Bible and medieval culture*. Leuven: Leuven University Press, 1979. p. 1-15. (Mediaevalia Lovaniensia, I, 7).

<sup>39</sup> Análise e edição do texto: STAUBACH, Nikolaus. Gerhard Zerbolt von Zutphen und die Apologie der Laienlektüre in der Devotio moderna. In: KOCK, Th.; SCHLUSEMANN, R. (red.). *Laienlektüre und Buchmarkt im späten Mittelalter*. Frankfurt: Peter Lang, 1997. p. 221-289. (Gesellschaft, Kultur und Schrift. Mediävistische Beiträge, 5).

comenta assim esse pensamento de Gerard Zerbolt van Zutphen, no tratado *De libris teutonicalibus*:

A leitura da Bíblia por leigos [...] fica aqui circunscrita de modo surpreendente estrito. Baseando-se nos princípios bíblico-hermenêuticos como formulados nos tratados *De doctrina christiana* de Agostinho e no programa de estudos no *Didascalion* de Hugo de Sancto Victore, a capacidade mental limitada dos leigos vira o critério de eleição [dos livros bíblicos]. Assim, enfraqueceu-se consideravelmente essa apologia generalizada da Bíblia para leigos. O motivo para essas restrições encontra-se na dificuldade de entender o sentido figurado da Bíblia, sem o qual um entendimento e uma apropriação adequada não seria possível. Desta maneira, leigos que tentarem entender o sentido e a compreensão do Apocalipse ou dos profetas caem muitas vezes em opiniões falsas, abstrusas e heréticas. Um perigo não menos grande consiste numa leitura somente literal dos livros históricos do Antigo Testamento, onde se encontram constantemente costumes e atos questionáveis e inaceitáveis [...]<sup>40</sup>.

A possibilidade de um entendimento herético por leigos já foi estipulado nos decretos de Carlos IV (veja supra). Atrás dessa hermenêutica bíblica muito tradicional esconde-se a noção de “obscuritas” (“escuridão” ou “incompreensibilidade”), que, segundo Gerard Zerbolt, cobre uma parte considerável da Sagrada Escritura<sup>41</sup> por causa do sentido figurado, tão presente em quase todos os livros da Bíblia.

Ao que parece, essa opinião conservadora e restritiva sobre a tradução da Bíblia para o vernáculo foi predominante no século XIV tardio e impediu a divulgação dessa tradução. Não restam manuscritos integrais do século XIV da Bíblia neerlandesa, mas apenas dois pequenos fragmentos.<sup>42</sup> O fragmento mais antigo foi escrito ao longo dos últimos 25 anos do século XIV. São os restos de um manuscrito que, reconstruído a partir desse fragmento (o que é possível), teria sido escrito em duas colunas, com um formato de 31 x 22 cm. Tinha 50 linhas por coluna e as letras eram muito pequenas. Ele foi concebido para estudos particulares, já que não há maneira de ler o texto com várias pessoas ao mesmo tempo. Foi escrito na região onde Gerard Zerbolt van Zutphen escreveu seu tratado *De libris teutonicalibus*. O dialeto e vários elementos paleográficos desse manuscrito permitem essa localização.<sup>43</sup>

Diferente é a história do outro fragmento, que fazia parte de um manuscrito colossal da Bíblia, de 43 x 33 cm. Muito provavelmente, foi destinado para a leitura em grupo ou para a leitura em voz alta no refeitório, para os irmãos leigos que não dominavam o latim. Um livro tão grande como esse significaria a morte de cerca de 150 vacas, cuja pele era usada como pergaminho. Ainda que esse manuscrito tenha sido absolutamente sóbrio, envolveu grande quantidade de dinheiro em sua edição.

<sup>40</sup> Tradução do texto alemão (STAUBACH, 1997, p. 246-247).

<sup>41</sup> Veja STAUBACH, 1997, p. 245.

<sup>42</sup> KORS, 2007, p. 108-111, com ilustração e as signaturas dos manuscritos.

<sup>43</sup> KORS, 2007, p. 109.

## Considerações finais

Chegamos à seguinte conclusão: com certeza, na segunda metade do século XIV, não se têm o direito nem uma constelação favorável para se franquear aos leigos o acesso à Bíblia. Além dos dois pequenos fragmentos discutidos acima, não temos registro de nenhum manuscrito entre 1361 e 1430. A oposição à tradução integral da Bíblia para os leigos era demasiadamente forte, como vimos nos decretos do imperador Carlos IV e também na visão teológica de Gerard Zerbolt van Zutphen. Mas depois de 1430, a Bíblia historial teve um retorno retumbante, com um total de 50 manuscritos.<sup>44</sup> Pode-se afirmar que na metade dos casos tratava-se de manuscritos ricamente ilustrados e que estavam em posse de cidadãos ricos ou de mosteiros.

Fica evidente que nessa época se iniciara a luta por uma Bíblia em língua vernácula para ser lida por leigos. Em 1477, a Bíblia historial traduzida por Petrus Naghel foi impressa, todavia sem todos os seus comentários.<sup>45</sup> A impressão de uma nova tradução da Bíblia nos Países Baixos se deu somente em 1526. Mas essa já foi baseada na tradução feita por Martim Lutero, e o tradutor, Jacob van Liesveldt (1490-1545), pagou com sua vida por isso, pois foi decapitado em 1545.

Em suma, podemos dizer que a luta pela Bíblia em língua vernácula nos Países Baixos começou em 1271, com a primeira tradução da *História scholastica*, em poesia, e só foi concluída com a Reforma, mais de dois séculos e meio depois. Caso tradutores como Petrus Naghel tivessem sido ouvidos antes, talvez uma Reforma não teria sido necessária. Mas isso já é outra história.

## Referências

- BISSCHOFF, Bernhard. *Mittelalterliche Studien*. Ausgewählte Aufsätze zur Schriftkunde und Literaturgeschichte. Stuttgart: Anton Hiersemann, 1981. Band 3.
- BROWN, Peter. *The rise of Western Christendom. Triumph and diversity, A.D. 200-1000*. Tenth anniversary revised edition. 10. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.
- BRUN, Cebus de. *Vetus Testamentum/Het Oude Testament*. Leiden: Brill, 1977-1978. 3 v.
- BRUNI, Leonardo. *History of the Florentine people*. Books 1-10. Edited and translated by J. Hankins. Cambridge (Mass.); London: Harvard University Press, 2001. v. 1 (The I Tatti Renaissance Library 3).
- COWDREY, Herbert Edward John. *Popes and church reform in the 11th century*. Aldershot: Ashgate, 2000.
- DAHAN, G. *Pierre le Mangeur ou Pierre de Troyes, maître du XII<sup>e</sup> siècle*. Turnhout: Brepols, 2013. (Bibliothèque d'histoire culturelle du moyen âge, 12).
- DEKKERS, Eligius. L'Église devant la Bible en langue vernaculaire. In: LOURDAUX, Willem; VERHELST, Daniël. *The Bible and medieval culture*. Leuven: Leuven University Press, 1979. p. 1-15. (Mediaevalia Lovaniensia, I, 7).

---

<sup>44</sup> KORS, 2007, p. 163-166.

<sup>45</sup> KORS, 2007, p. 166.

- EBBINGE WUBBEN, C. H. *Over Middelnederlandsche vertalingen van het Oude Testament*. Bouwstoffen voor de geschiedenis der Nederlandsche Bijbelvertaling. 's-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1903.
- FOLZ, Robert. *The concept of empire in Western Europe from the fifth to the fourteenth century*. London: Edward Arnold, 1969. Tradução do francês.
- HARTNELL, Jack. *Medieval Bodies*. Life, Death and Art in the Middle Ages. London: Profile Books – wellcome collection, 2019.
- KLEBERG, Tönnes. *The Silver Bible at Uppsala*. Uppsala: Uppsala University Library, 1984.
- KORS, Mikel. *De bijbel voor leken*. Studies over Petrus Naghel en de Historiebijbel van 1361. Leuven: Encyclopédie Bénédictine, 2007.
- LATOWSKY, Anne Austin. *Emperor of the world*. Charlemagne and the construction of imperial authority, 800-1229. Ithaca; London: Cornell University Press, 2013.
- LE GOFF, Jacques. *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Éditions du Seuil, 2014.
- McMULLEN, Ramsey. *Christianizing the Roman Empire (A.D. 100-400)*. New Haven; London: Yale University Press, 1984.
- MURRAY, Alexander. Should the Middle Ages be abolished? *Essays in Medieval Studies*, v. 21, p. 1-22, 2005.
- PASTOR, Jack et al. (eds.). *Flavius Josephus*. Interpretation and History. Leiden; Boston: Brill, 2011. (Supplements to the Journal for the study of Judaism, 146).
- POT, Johan Hendrik Jacob van der. *Sinndeutung und Periodisierung der Geschichte*. Eine systematische Übersicht der theorien und Auffassungen. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1999.
- PULLIAM, Heather. *Word and image in the Book of Kells*. Dublin: Four Courts Press, 2006.
- REYNOLDS, Leighton Durham; WILSON, Nigel Guy. *Scribes and scholars*. A guide to the transmission of Greek and Latin literature. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- RUZZIER, Chiara. The miniaturisation of Bible manuscripts in the 13th century. A comparative study. In: LIGHT, Laura; POLEG, Eyal (eds.). *Form and Function in the Late Medieval Bible*. Leiden; Boston: Brill, 2013. p. 105-125. (Library of the Written Word, v. 27).
- STAUBACH, Nikolaus. Gerhard Zerbolt von Zutphen und die Apologie der Laienlektüre in der Devotio moderna. In: KOCK, Th.; SCHLUSEMANN, R. (red.). *Laienlektüre und Buchmarkt im späten Mittelalter*. Frankfurt: Peter Lang, 1997, p. 221-289. (Gesellschaft, Kultur und Schrift. Mediävistische Beiträge, 5).
- SWEENEY, Del (ed.). *Agriculture in the Middle Ages*. Technology, practice, and representation. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.
- VARICHON, Anne. *Couleurs*. Pigments et teintures dans les mains des peuples. Paris: Éditions du Seuil, 2007.
- WILLIAMS, Megan Hale. *The monk and the book: Jerome and the making of Christian scholarship*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.